

Apresentação

Estudos Funcionalistas: discurso e gramática

Este número da *(Con)Textos Linguísticos* abre um importante espaço para a divulgação de trabalhos de pesquisadores brasileiros que vêm se dedicando aos estudos das línguas naturais sob a perspectiva da teoria funcionalista da linguagem (bem como de suas interfaces).

Por intermédio deste dossiê, é possível perceber que uma premissa já bastante difundida na área dos estudos linguísticos é corroborada. Qual seja: a de que o modelo funcionalista de análise linguística compreende posições bastante diversificadas no que tange ao estudo da língua. No entanto, o que se apreende dos 26 artigos que compõem este número é que as diferentes vertentes do funcionalismo linguístico (por exemplo, o Funcionalismo Clássico, a Linguística Sistêmico-Funcional, a Gramática Discursivo-Funcional, a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Teoria da Estrutura Retórica e o Sociofuncionalismo) possuem em comum o fato de priorizarem a função que as formas exercem em dados contextos discursivos e a busca pelas possíveis motivações funcionais para determinadas realizações linguísticas.

Como informa Pezatti (2007), o funcionalismo moderno é, de certo modo, um retorno à concepção de linguistas anteriores a Saussure, como Whitney e Hermann Paul, que conceberam a análise linguística a partir dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos no final do século XIX, entendendo que a estrutura linguística deve ser explicada em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. Para esses linguistas, os homens se utilizam das instrumentalidades pressupostas pela linguagem para representarem seus pensamentos com a finalidade principal de torná-los conhecidos de outros homens. Em outras palavras, na concepção desses estudiosos, a expressão na linguagem deve estar a serviço da comunicação.

A vertente funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social e, como tal, não a interpreta como um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, mas como um reflexo de um processo de adaptação, estabelecido pelo falante, às diferentes situações comunicativas. Diferentemente de outras abordagens linguísticas, em que a análise da forma parece desempenhar papel preponderante, os estudos de cunho funcionalista se preocupam menos com as características internas da língua e mais com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, frisando, assim, a importância do papel do contexto na compreensão da natureza das línguas (NEVES, 2001).

Quando se trata de considerar as atividades sociocultural e interacional do usuário da língua, percebe-se que a teoria funcionalista avançou muito. Os autores funcionalistas defendem que a linguagem é uma atividade sociocultural de *per se*, justificando que o sentido é contextualmente dependente (GIVÓN, 1995). Deste modo, os estudiosos funcionalistas defendem que não se pode analisar a língua dissecando-a ou isolando-a ou mesmo adotando um critério somente cognitivo, em que os mecanismos da língua já

estariam formulados e prontos para serem explicitados sem nenhuma interferência social. O que se tem em termos de concepção de língua é, na verdade, a premissa de que se trata de uma estrutura não rígida, sujeita a mudança e variação simultâneas e com motivações não somente cognitivas, mas também comunicativas.

O que determina que a mudança e a variação das línguas estejam sempre presentes é o conceito de gramática emergente (HOPPER, 1987). Esse axioma funcionalista está pautado no entendimento de que a forma linguística não é nem fixa nem determinada *a priori*; a estrutura é modelada pelo uso discursivo, e este processo está em movimento (SCHEIBMAN, 2001). Sendo assim, esse imenso e infinito mundo linguístico está a serviço do falante que, de acordo com suas necessidades comunicativas, fará uso de determinado elemento; sendo este elemento útil, passa a emergir como uma estrutura funcional: com seu próprio valor, significação e função.

A noção de que o contexto de uso motiva as diferentes construções gramaticais é um dos pressupostos centrais do funcionalismo, e, como tal, constitui-se como outro importante elo entre os artigos que integram este dossiê. Dessa feita, as pesquisas aqui apresentadas analisam as regularidades que caracterizam a gramática a partir dos papéis e funções das formas linguísticas na situação real de comunicação. Para atingir esse objetivo, os autores desses artigos trabalharam unicamente com textos, escritos ou falados, retirados de contextos sociais específicos.

Tomando como referência algumas das premissas com que Givón (1995) resume o cerne da concepção funcionalista da linguagem, argumentamos que os artigos que compõem esta edição da *Revista (Con)Textos Linguísticos* revisitam e aprofundam, de maneira significativa, alguns dos conceitos basilares dessa corrente de análise linguística, tais como: (i) a língua como atividade sociocultural deve ser observada do ponto de vista dos contextos linguístico e extralinguístico; (ii) a estrutura de uma língua está a serviço do uso, portanto, serve a funções cognitivas e comunicativas; (iii) a língua é dinâmica e não estática, por isso, mudança e variação estão sempre presentes; (iv) tanto o contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social quanto o contexto linguístico influenciam nas diversas possibilidades de interpretação dos sentidos - o sentido é, portanto, contextualmente dependente e não atômico; (v) as categorias não são discretas; e (vi) funções externas atuam concomitantemente com a organização formal inerente ao sistema linguístico (interação entre forma e função).

Feitas essas ponderações mais gerais acerca do modelo teórico sobre o qual os artigos que compõem este número se sustentam, passamos agora à apresentação desses trabalhos.

Abre esta edição o artigo intitulado *Uma abordagem funcional dos advérbios e adverbiais de tempo e aspecto em relatos*, de Jhonathan Leno Reis França Santana e Gesieny Laurett Neves Damasceno. O recorte analítico apresentado pelos autores consiste de quatro reportagens coletadas em *sites* de circulação *online*, que têm como foco apresentar relatos de vítimas de violência homofóbica. A escolha pelo objeto de estudo – advérbios e adverbiais de tempo e aspecto – é justificada com base na constatação

de que a natureza fluida da categoria dos advérbios ocasiona que processos generalizados de *divergência* concorram para a efetivação das necessidades contingenciais do uso linguístico, o que resulta na ampliação do escopo de atuação dos elementos situados na categoria, fazendo-os operar nos níveis intraoracional, interoracional e textual. Nesse trabalho, investiga-se em que medida os processos de divergência estão afetando o escopo de atuação dos elementos circunstanciais de tempo e aspecto, no que tange aos aspectos distribucionais, semânticos e textuais. Além disso, os autores propõem uma análise dos advérbios sob a ótica do Paradigma Tradicional de Gramatização (PTG), buscando, dentre outros aspectos, discutir o alcance, no que concerne à classe dos advérbios, da proposta do PTG. Como parte de suas conclusões, o estudo endossa a premissa de que a análise dos advérbios e adverbiais de tempo e aspecto revela a impossibilidade de abordar o problema por meio de categorias estanques.

Em conformidade com os postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso, Maria Alice Linhares Costa, Gessilene Silveira Kanthack e Valéria Viana Sousa, no artigo *Construção verbo + locativo (VLOC): uma análise centrada no uso*, endossam o pressuposto de que os itens linguísticos não funcionam sozinhos, ao contrário, apresentam relações formais e funcionais que só podem ser captadas quando outros fatores são considerados conjuntamente. No caso da construção verbo + locativo (VLoc), objeto de análise do artigo, as autoras argumentam que verbo e locativo evidenciam uma forte integração das subpartes e formam um pareamento de forma e sentido, que não se enquadra, por exemplo, em categorias rígidas e discretas, como as que são encontradas nas gramáticas de orientação normativa.

Ainda no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o artigo *Níveis de vinculação semântico-sintática de chega aí no português do Brasil – uma análise centrada em contextos de uso*, de Mariangela Rios de Oliveira e Monique Borges Ramos da Fonseca, investiga e classifica os níveis de vinculação de conteúdo e forma envolvidos nos distintos contextos de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil. Foram analisados pelas autoras 31 dados do *Now* e 20 dados do *Twitter*, perfazendo 51 fragmentos ao todo. Nessa análise, elas identificaram que o contexto isolado de *chega aí* foi o mais produtivo no português, indicando um processo de mudança linguística em curso.

Nessa mesma vertente, o artigo *No ano passado, a “vakinha” ganhou um ponto fixo. Desde então...: uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais*, de Ana Beatriz Arena e Érika Cristine Ilogti de Sá, tematiza a multifuncionalidade dos circunstanciais temporais e aspectuais, que demonstram motivações discursivas semelhantes em alguns de seus usos. Assim, foram analisadas as locuções adverbiais que indicam a noção de tempo ou de aspecto e *então*, categorizado como advérbio de tempo pela tradição gramatical, podendo, em construções com as preposições “desde” ou “até”, igualmente veicular noções de aspecto. As locuções adverbiais foram coletadas de notícias e editoriais dos jornais brasileiros *Folha de São Paulo* e *O Globo* e os dados com *então* foram coletados de textos do *Corpus* do Português NOW (Notícias da Web). Os resultados da análise empreendida pelas autoras evidenciaram que as locuções possuem funções mais delimitadas que o *então*, que guarda a função

anafórica mesmo em usos como operador de sequencialização, e as demais funções de *então* estariam relacionadas de alguma forma ao seu papel de retomada no discurso. As locuções adverbiais, cujo uso prototípico é codificar marco temporal, têm seu escopo maior nas situações discursivas nas quais se pretende trazer informações além da temporalidade dos eventos.

Tomando como base os postulados da Gramática de Construções, também no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto, Ana Paula Gonçalves Durço e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, no artigo *Variação e mudança linguística – evidências a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica*, discutem a variação e a mudança linguística no âmbito da construcionalização gramatical sincrônica. Para tanto, as autoras apresentam evidências empíricas de dois fenômenos da língua portuguesa – construções com *então* e construções avaliativas com *super*, *mega*, *hiper* e *ultra*. Foi utilizado, para as análises qualitativa e quantitativa dos dados, um *corpus* sincrônico de investigação, composto por textos retirados de *blogs*, de revistas disponíveis na internet e da mídia social YouTube. Os seguintes questionamentos nortearam o trabalho das pesquisadoras e trouxeram significativas contribuições para as discussões em torno da variação e da mudança: (i) é possível falarmos em mudança e em variação a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica? (ii) uma análise linguística pautada na sincronia seria capaz de captar a mudança ocorrida através do tempo? (iii) que lugar ocuparia a variação linguística no âmbito da perspectiva da construcionalização gramatical?

Avançando nas discussões teóricas e analíticas, porém, agora sob o aparato teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), o artigo *Formas de expressão da escalaridade em português*, de Michel Gustavo Fontes e Fábio de Lima Moreira, descreve o uso expansivo de *ainda* e *até* de modo a precisar em que medida esses dois elementos linguísticos instauram escalas de natureza mais discursivo-pragmática. As seguintes hipóteses orientaram a pesquisa: (i) a de que as diferentes relações de escopos de *até* e *ainda*, em seu uso expansivo, estão correlacionadas à expressão de distintos tipos de escalaridade, e (ii) a de que *até* e *ainda* correspondem a diferentes tipos de partículas escalares, fato que os distingue funcionalmente no interior do sistema linguístico do português. As ocorrências de uso de *até* e *ainda* foram extraídas do *Corpus do Português* (mais especificamente, de ocorrências do século XX). Os resultados apontam para uma correlação entre a expressão de escalaridade e o duplo escopo de *até* e *ainda* no nível interpessoal, e para uma distinção funcional entre os dois itens – enquanto *até* funciona como partícula escalar absoluta, *ainda* se comporta como partícula escalar relativa.

Já em *Análise comparativa da microconstrução um belo dia / un bel giorno no português brasileiro e no italiano*, Vânia Cristina Casseb Galvão e Carlotta Boellis apresentam os resultados da análise dos usos e da mudança envolvendo a microconstrução italiana *un bel giorno*, a partir da comparação com a sua equivalente no português brasileiro (PB) *um belo dia*, considerando a análise descritivo-construcional de Silva (2017) e de Silva; Casseb-Galvão (2018, 2019). Também embasadas

nos postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GRCx), as discussões propostas pelas autoras reúnem as especificidades do pareamento italiano frente a sua contraparte brasileira, em uma opção de resposta à seguinte pergunta geral de pesquisa: quanto à sua estruturação, uso, frequência e funcionalidade, as microconstruções derivadas do pareamento *un bel giorno* revelam um percurso de mudança equivalente ao de sua expressão equivalente *um belo dia*, em português, conforme descrito por Silva (2017)? Como parte dos resultados encontrados, Vânia Cristina Casseb Galvão e Carlotta Boellis afirmam que a microconstrução mais abstrata em italiano parece ter tido uma evolução contextual e diacrônica muito mais estável do que a sua contraparte em português.

Em *A gramaticalização de geral no português brasileiro: de adjetivo a pronome indefinido/quantificador*, Luis Filipe Lima e Silva e Sueli Maria Coelho mostram o uso canônico de *geral* como adjetivo e discutem as diferentes definições propostas para o fenômeno de mudança linguística tratado sob o rótulo de gramaticalização. Os autores investigam a hipótese segundo a qual a forma/construção *geral* está emergindo como um pronome indefinido na língua portuguesa contemporânea por força de um processo de gramaticalização. Segundo eles, o que parece estar ocorrendo com *geral* é o início de um processo de gramaticalização por meio do qual a forma/construção passa a transitar por categorias lexicais – quer menos gramaticais, como a dos adjetivos e a dos nomes, quer mais gramaticais, como a dos advérbios – e por categorias funcionais ou gramaticais, como a dos pronomes indefinidos, em que se comporta como um quantificador universal.

No âmbito do debate acerca dos mecanismos cognitivos que permitem ao falante evitar a supergeneralização, o artigo *Semiprodutividade construcional: uma investigação empírica da complementação sentencial do português brasileiro*, de Dayanne Ximenes e Diogo Pinheiro, volta-se para uma construção presente na gramática do português brasileiro (PB): a Construção de Complementação Sentencial (CCS). Como explicam os autores, trata-se de uma estrutura sintático-semântica esquemática que tem a forma SUJEITO + VERBO + SINTAGMA ORACIONAL INTRODUZIDO PELO COMPLEMENTIZADOR “QUE” e é utilizada produtivamente para, por exemplo, reportar discursos, percepções e avaliações como em *A diretora anunciou que o concurso foi adiado*. Apesar de poder ser instanciada por uma ampla gama de verbos, Dayanne Ximenes e Diogo Pinheiro chamam a atenção para o fato de a CCS não ser plenamente produtiva. Além da contribuição que apresenta para a discussão em torno dos conhecimentos gramaticais e estatísticos no âmbito da Gramática de Construções Baseadas no Uso (CGBU), sugerindo que ambos os tipos de conhecimento coexistem e atuam conjuntamente no sentido de impedir que o falante recaia em supergeneralizações em relação às estruturas de complementação sentencial, esse estudo se caracteriza como um primeiro passo em direção a uma descrição da gramática da complementação sentencial no PB sob uma perspectiva construcionista.

O artigo *O que brasileiros dizem acerca de usos de construções com verbo-suporte?*, de Pâmela Fagundes Travassos e Marcia dos Santos Machado Vieira, focaliza os padrões construcionais com verbo-

suporte *DAR*, na condição de operador de verbalização de elementos não-verbais do tipo (um(a)) X-[a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha, (um(a)) X-adela e (um(a)) X-(z)inh[o/a], tal como em *dar uma escapadinha* e *dar uma olhadela*. À luz da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e de metodologia da Psicolinguística, foi possível observar que várias outras relações de sentido se atualizaram e, até mesmo, se sobrepuseram à de aspecto, normalmente referida quando se aborda esse tipo de construção de predicação. Os resultados permitiram vislumbrar que tanto o contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social quanto o contexto linguístico influenciam nas diversas possibilidades de interpretação dos sentidos – o que, segundo as autoras, revela como é urgente que a contextualidade seja também um parâmetro explorado nas investigações construcionistas.

Em *Transitividade em definições de dicionários escolares: análise dos tipos de processos em verbetes sobre homossexuais masculinos*, Hugo Leonardo Gomes dos Santos, Antônio Luciano Pontes e Pedro Henrique Lima Praxedes Filho investigam os padrões de transitividade encontrados nos verbetes relacionados a homossexuais masculinos em dicionários escolares, evidenciando os processos utilizados pelas obras em análise para significar os homossexuais masculinos. Com base em um *corpus* que apresenta 40 ocorrências de 11 entradas extraídas de cinco dicionários, os autores buscam identificar a forma como os significados ideacionais-experienciais são construídos no texto lexicográfico. As definições selecionadas foram analisadas de acordo com os tipos de Processos da Linguística Sistêmico-Funcional, e os resultados demonstraram que a escolha do tipo de definição, assim como a dos Processos e a dos Participantes que compõem a figura experiencial, além da indicação de questões sociais envolvidas no uso das entradas, são mostras da complexidade desse processo de construção de significados que ocorre nos dicionários.

O artigo *The PERIODICITY System in Texts of Technical Education in the Area of Civil Construction - Buildings*, de Tânea Maria Nonemacher, analisa, sob uma perspectiva discursiva, um excerto de texto da área de edificações, com vistas a mostrar os padrões temáticos que organizam o fluxo de informações por meio do sistema de PERIODICIDADE e as estratégias utilizadas pelo autor para estabelecer o método de desenvolvimento do texto. Como informa a autora, o artigo é parte de uma pesquisa maior, cujo objetivo é identificar e mapear os gêneros textuais instanciados em textos da área da construção civil – edificações. Os dados analisados referem-se ao contexto brasileiro da educação técnica – mais especificamente, ao curso de Edificações Integradas ao Ensino Médio. Pautado nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, o trabalho investiga a hipótese de que o Tema em português poderia ocorrer não apenas como primeiro elemento de uma oração. Como bem argumenta a autora, os resultados encontrados contribuem para as discussões em torno da realização temática e do sistema de PERIODICIDADE, ao mesmo tempo que estimulam novas investigações que possam aprofundar o entendimento sobre o assunto.

As duas pesquisas comentadas a seguir têm em comum o fato de analisarem cláusulas hipotáticas (ou orações subordinadas adverbiais, nos termos da tradição), cujas relações semântico-pragmáticas são de tempo.

O artigo *Coerência referencial e ordem oracional*, de Sávio André de Souza Cavalcante e Márluce Coan, analisa 36 entrevistas do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), que reúne inquéritos de residentes da região denominada Zona Pertinente (ZP), de 27 entidades do estado mexicano. A pesquisa descreve o fenômeno da coerência referencial, correlacionando-o com meios sintáticos, como a posição das orações, seu tipo (desenvolvida, reduzida) e compartilhamento de sujeito com suas nucleares (correferencialidade) em cláusulas hipotáticas temporais. Os resultados mostraram que a combinação de orações serve a propósitos discursivos, mobilizando a coerência referencial no discurso, cujos meios sintáticos são expressos em cláusulas mais integradas à sua nuclear.

Já o artigo *O meme e a elipse da oração principal em construções temporais com sentido condicional factual*, de Vanessa Leme Fadel Steinhauer e Juliano Desiderato Antonio, parte da premissa de que pode ocorrer elipse da oração principal nas construções condicionais assim como nas construções temporais, utilizando como *corpus* 50 dados do gênero meme como forma de evidenciar a influência da multimodalidade no comportamento e no uso das construções temporais. Os resultados sugerem que as orações adverbiais temporais iniciadas por *quando* analisadas possuem sentido condicional factual e que a completude semântica do texto mêmico se dá pela leitura fundida dos signos verbais e não verbais.

O texto seguinte trabalha com a relação semântica de contraste. O artigo *Construções contrastivas acontece que e logo eu*, de Nilza Barrozo Dias, Jocineia Andrade Ramos Araújo e Priscilla Hoelz Pacheco, apresenta a análise de 133 ocorrências de construções *acontece que*, coletadas de 500 entrevistas transcritas do programa de televisão Roda Viva, exibido pela TV Cultura, e de 97 ocorrências da construção *logo eu/tu*, coletadas com o auxílio da ferramenta de busca *Google* do *corpus* PorUs (www.uff.br/porus) e em redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter*). Consoante os resultados da análise empreendida, as autoras identificaram que ambas as construções apresentam relações semânticas contrastivas; no entanto, *acontece que* incorpora mais valores do *mas*, ficando, assim, mais próximo do centro da categoria de conectores contrastivos e *logo eu/tu* instanciam apenas dois dos valores semânticos de *mas*, ficando mais na margem da categoria de contraste.

Os próximos trabalhos a serem sumarizados envolvem as relações semântico-pragmáticas de condição e finalidade. O artigo *Construções condicionais no discurso de autoajuda*, de Anna Flora Brunelli e Gisele Cássia de Sousa, estuda as construções condicionais prototípicas iniciadas por *se* presentes nesse discurso. Levando em conta que há três tipos básicos de construções condicionais em português, as *factuais*, as *eventuais* e as *contrafactuals*, as autoras identificaram as funções pragmático-discursivas, utilizando como *corpus* o livro *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro (1992), representativo desse discurso. A principal função pragmático-discursiva das condicionais é a persuasão

argumentativa, sendo as condicionais factuais e eventuais responsáveis por atenuar o ato impositivo desse discurso, e as condicionais contrafactuais responsáveis pela criação de mundos possíveis, visando a ilustrar as teses apresentadas pelo enunciador.

Ainda na discussão das relações semântico-discursivas no âmbito das cláusulas, o artigo *Opiniões em confronto: o emprego das cláusulas de finalidade como estratégia argumentativa*, de Amanda Heiderich Marchon, analisa cento e trinta (130) cláusulas hipotáticas de finalidade recolhidas de quarenta e oito (48) artigos de opinião provenientes da coluna *Tendências e Debates*, publicada pelo Jornal Folha de São Paulo. Segundo a autora, essas cláusulas hipotáticas não são selecionadas pelo predicador da cláusula núcleo, mantendo com ele uma relação menos coesa do que a identificada entre predicador e argumentos, revelando uma nuance de opcionalidade, propriedade dessas estruturas que, de acordo com ela, contribuem para a construção da argumentação. Assim, por meio de seu estudo, se defende que a hipotaxe é imprescindível do ponto de vista discursivo, já que as hipotáticas se tornam relevantes exatamente pela informação que acrescentam ao discurso. Nesse sentido, a autora aponta para a necessidade de se explorar conjuntamente os níveis sintático, semântico e pragmático na análise do nexo clausal.

A relação semântico-pragmática de conformidade também foi abordada em um dos trabalhos. O artigo *Construções conformativas na perspectiva funcional hallidayana*, de Ivo da Costa Rosário e Myllena Paiva Pinto de Oliveira, propõe um estudo de base qualitativa do conector *conforme*. Os autores concebem a conformidade como um domínio funcional que é expresso por meio de construções que se apresentam na língua por meio do cruzamento do eixo tático com o eixo lógico-semântico. Em termos analíticos, os autores priorizaram os padrões evidenciais e circunstanciais das conformativas, salientando as propriedades formais e funcionais dessa construção com base no *site* de buscas *Google*.

Explorando a temática do desgarramento no âmbito das circunstanciais como um todo, sem se ater a apenas um caso e a um introdutor, Danúbia Aline Silva Sampaio apresenta e compara, no artigo *Cláusulas adverbiais na língua oral da cidade de Mariana (MG): um estudo funcionalista a partir de uma abordagem social*, a realização de cláusulas adverbiais desgarradas em dados de 8 (oito) informantes da cidade de Mariana (MG) – 4 (quatro) deles pertencentes a uma rede social forte e 4 (quatro) a uma rede social fraca. Quanto mais próximos são os indivíduos e quanto mais íntimos são os seus laços, mais forte é a rede social da qual eles participam; quanto mais abertas às influências externas, mais fraca é a rede de que os indivíduos participam, sendo eles socialmente ou geograficamente móveis. Dentre as 821 cláusulas adverbiais encontradas no *corpus*, considerando ambas as redes, 94 são cláusulas adverbiais desgarradas, correspondendo a 11,5% do total. Comparando as duas redes, a autora observou que o fenômeno do *desgarramento* se manifestou com maior frequência na *rede social forte*. A diferença da investigação da autora desse artigo em relação à proposta de Decat (2011), precursora dos estudos de orações subordinadas

desvinculadas sintaticamente de suas principais em Português do Brasil, reside no fato de analisar dados da modalidade falada da língua.

Já em *A materialização prosódica de estruturas desgarradas comparada a de tópicos e clivadas: reflexões preliminares*, Ana Carolina Barros Gonçalves e Aline Ponciano dos Santos Silvestre averiguam se estruturas *desgarradas* apresentam pistas prosódicas que as assemelhem às já descritas para tópicos e clivadas no Português do Brasil, fornecendo evidência fonológica à estratégia sintática. O *corpus* da pesquisa constituiu-se de nove sentenças adverbiais retiradas dos estudos de Decat (2011). Foram feitas gravações por quatro informantes cariocas: duas informantes realizaram a gravação das estruturas com a presença de pontuação não canônica, *desgarradas*, e outras duas informantes realizaram a gravação das mesmas estruturas sem a presença da pontuação, ou seja, canônicas, *não desgarradas*. Os resultados encontrados permitem perceber, dentre outros aspectos, que, quando considerada a duração média, a pausa pode, sim, indicar prosodicamente que se trata de uma estrutura diversa, uma vez que foi produzida uma duração consistentemente maior nas sentenças *desgarradas*. Tendo como ponto de partida os postulados funcional-discursivos sobre a materialização das estruturas *desgarradas* em português, nesse artigo, as autoras apresentam uma análise do fenômeno com base nos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional e argumentam que os diferentes modelos teóricos não se situam sempre em polos opostos do pensamento linguístico.

Também abordando as cláusulas desgarradas, o artigo intitulado *A atuação da metafunção textual nas cláusulas relativas apositivas desgarradas*, de Karen Pereira Fernandes de Souza, prioriza o sistema temático da metafunção textual, ou seja, o eixo da mensagem. Por intermédio desse estudo, a autora visa a mostrar que a cláusula relativa apositiva desgarrada contribui para a sequenciação textual e que, do ponto de vista organizacional das informações, a relação tema-rema auxilia no processamento do texto.

O próximo artigo deste volume evidencia que as relações semântico-pragmáticas extrapolam o nível sentencial e prescindem da presença do conector entre as orações, visto que tais relações podem emergir da combinação e articulação das orações no cotexto e contexto de uso. É o que se verifica em *A estrutura retórica de uma redação do ENEM: uma análise funcionalista*, de Luciano Araújo Cavalcante Filho e Márcia Teixeira Nogueira, que, sob a perspectiva da Teoria da Estrutura Retórica (RST), visa à investigação das relações proposicionais entre cláusulas e em porções maiores de texto, mesmo que essas relações não estejam gramaticalmente expressas por meio de conectores. Assim, os autores analisam tanto as relações explícitas quanto as implícitas que emergem em uma redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano de 2017. O principal objetivo do artigo é fornecer um exemplo de aplicação da RST, mostrando como ela pode ser útil na análise das relações proposicionais responsáveis pela coerência do texto. Foram identificadas 41 relações proposicionais na redação analisada e 13 não foram identificadas explicitamente por meio de um conector, ou seja, 31,7% do total de relações ocorreram de forma implícita, sendo inferidas por meio do processo de articulação das porções textuais.

Na sequência das pesquisas constitutivas deste dossiê, apresentamos ainda o artigo *Análise da imperatividade no discurso publicitário: algumas considerações funcionalistas*, de Izac Vieira Chaves e Aline Rezende Belo Dias, cujas discussões se voltam, de maneira singular, para os aspectos funcionais, contextuais, argumentativos e comunicativos do uso da língua. Esse trabalho discute o fenômeno da imperatividade em propagandas veiculadas em três revistas brasileiras. Nesse sentido, foram analisadas aquelas propagandas em que o modo verbal imperativo não é utilizado de forma explícita. A hipótese a partir da qual a análise se orienta é a de que a imperatividade ultrapassa os limites do emprego do modo verbal imperativo e que ela é inerente ao discurso publicitário, que tem como objetivo principal convencer o leitor a comprar determinado produto. Conforme demonstram os autores, a imperatividade é elaborada, por exemplo, a partir do uso frequente de oposições, jogos de linguagem intertextual e interdiscursiva, metáforas, paralelismos rítmicos, léxico com traços axiológicos de positividade, multiplicidade semântica e presença de intensificadores.

O trabalho seguinte conjuga os postulados do funcionalismo linguísticos aos da sociolinguística variacionista, enquadrando-se, assim, no campo teórico denominado Sociofuncionalismo. Em *A condição de distintividade na variação do sujeito pronominal de primeira pessoa do singular em cartas escritas por um capixaba*, de Carolyn Batista Massariol e Lilian Coutinho Yacovenco, analisa-se o efeito da ambiguidade sobre a variação do sujeito pronominal em 33 cartas pessoais, manuscritas por Oswald Guimarães e destinadas a Hylda Mattos Guimarães. Nesse trabalho, as autoras testam a hipótese funcionalista da condição de distintividade, que é caracterizada por demonstrar uma tendência das línguas em reterem uma dada informação relevante na estrutura linguística, ou seja, conforme fica nítida a redundância, através de constituinte marcado, isso encadearia uma tendência para que não haja outras marcas, quando não há ambiguidade contextual. O estudo permite depreender que o fenômeno variável da expressão do sujeito pronominal sofre influência de um fator morfológico-discursivo, a ambiguidade do verbo, que tem relação com um aspecto funcional da língua: a condição da distintividade.

No penúltimo artigo, Jane Eyre Martins Caldas, Nadja Paulino Pessoa Prata e André Silva Oliveira analisam, com base em uma investigação que considerou 20 entrevistas constitutivas do *Corpus Sociolinguístico da Cidade do México (CSCM)*, o condicionamento dos aspectos morfossintáticos em vista dos aspectos semânticos envolvidos na instauração da modalidade deôntica no gênero entrevista. As discussões propostas em *Aspectos semânticos e morfossintáticos de deonticidade em entrevistas do Corpus Sociolinguístico da Cidade do México* partem da hipótese de que os aspectos semânticos poderiam ser condicionadores dos aspectos morfossintáticos na instauração da modalidade deôntica. Após levantamento prévio dos dados, foram constatados 42 casos de modalizadores deônticos, que foram descritos e analisados seguindo o modelo *top-down*, dos aspectos semânticos (fonte, alvo e valores modais deônticos) aos aspectos morfossintáticos (tempo e formas de expressão). Os resultados revelaram, dentre outros aspectos, que a fonte deôntica instaura um determinado valor modal deôntico (obrigação,

permissão ou proibição) sobre o alvo deôntico, considerando o tempo gramatical (presente, futuro simples ou condicional simples) e a forma de expressão (auxiliares modais) adequados, de modo que possam espelhar os propósitos comunicativos do falante no que tange à asseveração ou à mitigação dos conteúdos modais deônticos.

Fechando este número, o trabalho *Práticas de ensino de Português para Falantes de Outras Línguas: limitações da gramática tradicional e uma proposta funcionalista*, de Sérgio Duarte Julião da Silva, apresenta os resultados de um estudo de caso efetuado com estudantes do ensino de graduação oriundos de universidades estadunidenses em curso de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) em São Paulo. O principal objetivo do artigo foi demonstrar o desenvolvimento das competências funcionais em aprendizes de nível avançado, em especial quanto ao uso dos marcadores discursivos (MD).

A partir dessa breve apresentação, enfatizamos o alcance das descrições linguísticas sob o viés funcionalista, uma vez que conjugam, em suas análises, os níveis sintático, semântico e discursivo-pragmático. Além disso, reiteramos a importância deste espaço para a publicação das pesquisas funcionalistas, em suas diferentes vertentes, pois entendemos que a divulgação desses trabalhos inéditos estimula novas investigações, e conseqüentemente, aprofunda o entendimento sobre o modelo teórico em foco.

Para finalizar, agradecemos aos autores e às autoras a confiança depositada na organização deste dossiê e aos/às pareceristas o trabalho minucioso e dedicado.

Violeta Virginia Rodrigues (PPGLEV/UFRJ)
Gesieny Laurett Neves Damasceno (PPGEL/UFES)

Referências

- DECAT, M. B. N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, n. 13, p. 139-157, 1987.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.